

A “NOVA CURITIBA” DE NESTOR VITOR

THE “NOVA CURITIBA” OF NESTOR VITOR

Antônio Cesar de Almeida Santos*, João Sérgio Alves Ferreira Filho**, Aline Dias Anile***, Maria Eduarda Bosa Kmick****, Silvia Luize Gomes Demarchi*****, Viviane Roza de Lima*****

Resumo: Em 1913, Nestor Vitor dos Santos publicou *A terra do futuro (impressões do Paraná)*, com alguns capítulos do livro dedicados à situação vivida pela cidade de Curitiba naquele princípio de século. Em sua apreciação, o autor nascido em Paranaguá vale-se de comparações entre a cidade que conheceu em meados da década de 1880 e a “nova Curitiba”. A partir de uma leitura que considerou as representações construídas por Nestor Vitor, buscou-se entender como era o espaço urbano que foi exposto em seu texto: Curitiba representava o progresso, ainda que novos melhoramentos sempre precisassem ser implantados. Por meio de disposições legais que visavam a garantir a beleza e a limpeza da cidade, buscava-se atender às expectativas da burguesia do mate, o que também significava expulsar parte da população da área central da cidade.

Palavras-chave: Curitiba; burguesia do mate; representações; progresso; Paraná.

Abstract: In 1913, Nestor Vitor dos Santos published *The Land of the Future (Impressions of Paraná)*, with some chapters of the book dedicated to the situation experienced by the city of Curitiba at the beginning of the century. In his assessment, the author, who was born in Paranaguá, makes comparisons between the city he knew in the mid-1880s and the “new Curitiba”. Through a reading that considered the representations constructed by Nestor Vitor, an attempt was made to understand the urban space that was exposed in his text: Curitiba represented progress, although new improvements always needed to be implemented. Through legal provisions aimed at ensuring the beauty and cleanliness of the city, efforts were made to meet the expectations of the bourgeoisie, which also meant expelling part of the population from the city's central area.

Keywords: Curitiba; bourgeoisie; representations; progress; Paraná.

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, pesquisador do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CEDOPE/UFPR) e do Grupo de Pesquisa Cultura e Educação nos Impérios Ibéricos (CEIbero). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1202514781340567>.

** Graduando em História, Memória e Imagem pela Universidade Federal do Paraná. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1538340718191085>.

*** Graduada em História, Memória e Imagem pela Universidade Federal do Paraná. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4118916932779685>.

**** Graduanda em História pela Universidade Federal do Paraná. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0021026376568299>.

***** Graduanda em História, Memória e Imagem pela Universidade Federal do Paraná, relacionada ao Centro de Documentação e Pesquisa em História (CEDOPE/UFPR) e ao Grupo de Pesquisa Cultura e Educação nos Impérios Ibéricos (CEIbero). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7226257217524422>.

***** Graduanda em Bacharelado e Licenciatura em História pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6207921531029854>.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretende-se abordar a cidade de Curitiba a partir de descrições elaboradas por Nestor Vitor em *A terra do futuro (impressões do Paraná)*¹. Parte-se da consideração de que “a cidade que tão bem conhecíamos mudou” e que ela “não está na realidade objetiva, mas no pensamento que a pensa” (Bresciani, 2004, p. 9). No caso em questão, trata-se de um pensamento que confronta lembranças de uma cidade de outrora à imagem com a qual o observador se defronta.

Conforme indica Sandra J. Pesavento (2007, p. 23), “uma história cultural urbana vai se orientar pela possibilidade de ver, na cidade, uma projeção dos imaginários no espaço”, o que pode ser realizado a partir de diferentes “formas de representação” com as quais trabalha o historiador²; dentre essas, “o discurso traduzido em texto” ganha relevo:

As cidades foram, desde há muito, objeto de variadas escritas, desde aquelas que se intitulavam histórias ou crônicas de uma urbe e que, portanto, tinham estatuto de veracidade, por construírem uma narrativa do acontecido, de um passado ou de um presente de uma cidade, até as obras de caráter literário, a celebrarem ou condenarem o urbano em prosa e verso. Ao historiador do urbano cabe criar sobre tais narrativas as filigranas de sua análise, exercendo sobre elas uma atitude hermenêutica e resgatando a riqueza da intriga construída e do poder metafórico das palavras empregadas. (Pesavento, 2007, p. 18)

Como indicado, pretende-se abordar a cidade de Curitiba conforme descrita por Nestor Vitor, que dedicou alguns capítulos de *A terra do futuro* à capital do Estado do Paraná.³ Descrever uma cidade não era novidade para o literato e crítico nascido em Paranaguá, pois, em 1911, havia publicado o livro *Paris: impressões de um brasileiro*⁴, resultado de sua estadia na capital francesa entre 1902 e 1905.

Diversas passagens do texto analisado informam que ele foi redigido na cidade do Rio de Janeiro, onde Nestor Vitor fixara residência desde 1891.⁵

1 A primeira edição de *A terra do futuro (impressões do Paraná)* foi publicada em 1913, resultado de uma encomenda do governo paranaense.

2 Em trabalho anterior, Sandra Pesavento (1995, p. 280) definia que a postura metodológica “de atingir o ‘real’ através de suas representações” requeria definir o campo conceitual da representação, para o que retomava considerações de Roger Chartier, entendendo que “a noção de representação é central para a sua concepção de história cultural, que se baseia na correlação entre práticas sociais e representações”.

3 No capítulo VI de *A terra do futuro*, Nestor Vitor aborda “A velha Curitiba”; nos capítulos VII a XI são apresentados aspectos da “nova Curitiba”, inclusive de seus “arrabaldes e subúrbios” e de algumas “colônias” situadas no seu entorno (Santos, 1996, p. 69-176).

4 Segundo Sílvio Romero, trata-se de “obra clássica sobre viagem de nossa literatura” (Santos, 1996, p. 22-23).

5 Nestor Vitor dos Santos nasceu em Paranaguá, em 1868, e residiu em Curitiba entre 1885 e 1891, quando se mudou para a cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu em 1932 (ver Carvalho, 1997, p. 6-15).

A correspondência trocada entre Nestor Vitor e Emiliano Perneta, no ano de 1912, deixa claro o recurso utilizado pelo autor que recorreu aos amigos para ser informado das últimas ocorrências no Paraná, bem como o fato do livro resultar de um contrato feito entre o autor e o Presidente Afonso Camargo⁶ [...]. Apesar disso, a obra não tem caráter de livro de “encomenda”. Tanto é assim, que o autor trata de suas impressões valendo-se do contraponto do diálogo. As mais variadas observações resultam de um tom coloquial para o qual concorre o expediente do interlocutor(res). (Santos, 1996, p. 15)

Nestor Vitor enfoca três regiões do Paraná – o litoral, o planalto curitibano e os Campos Gerais – valendo-se de comparações entre um tempo pretérito e o “momento atual”; assim, a “velha Paranaguá” é contraposta à nova, o mesmo ocorrendo em relação às cidades de Curitiba e de Ponta Grossa. Infelizmente, não há uma informação exata sobre a duração de sua estadia em território paranaense e nem da época do ano em que ela ocorreu. Sabe-se, porém que o livro foi “concluído em dezembro de 1912”:

Estão escritas, finalmente, quase todas as minhas impressões de viagem, umas recebidas de modo direto dos homens e dos objetos que tive ocasião de ver, outras mediante palestras e entrevistas que se me proporcionaram, e ao cabo ainda umas terceiras, provenientes das leituras que este passeio suscitou, como ordinariamente se dá. (Santos, 1996, p. 261, 272)

O autor, em diversos trechos do livro, deixa perceber que o seu interesse era “notar” as mudanças pelas quais passavam as cidades de seu estado natal, olhando para “as inevitáveis consequências do progresso” (Santos, 1996, p. 30). Tais consequências eram identificadas em diferentes aspectos: desenvolvimento da indústria e do comércio, avanços tecnológicos (transportes e equipamentos), incremento populacional, além de questões sociais, educacionais e comportamentais.

Após subir a Serra do Mar por trem, desde Antonina, Nestor Vitor chegou a Curitiba no início da noite, sendo tomado por uma “profética apoteose”, à medida que ingressa na “jovem capital, que ainda se organiza”:

E todo esse alvoroço que os horizontes do gigantesco planalto onde ela assenta suscitou no nosso íntimo faz-nos ter fé imediata na sua estrela, levando-nos a acreditar que ela venha a ser definitivamente a condigna capital desta terra do futuro, deste grande pedaço de pátria, nos abençoados campos do Sul. (Santos, 1996, p. 66-67, destaque nosso)

⁶ Affonso Alves de Camargo (1873-1959) foi presidente do Estado do Paraná entre 1916 e 1920. Em 1912, ele ocupava o cargo de vice-presidente; o presidente do Estado era Carlos Cavalcanti, que governou entre 1912 e 1916.

Então, como se apresentou a ele a “condigna capital” paranaense? Que cidade ele encontrou? O que constituía a “nova Curitiba”? Para responder a essas questões, vamos abordar os sinais de progresso identificados por Nestor Vitor.

SAUDADES “DO CHEIRO ANTIGO DE CURITIBA”

Acima, apontamos que Nestor Vitor buscou identificar aspectos que indicavam a situação de progresso pela qual passavam as cidades paranaenses que visitou em sua viagem. Suas impressões de Curitiba parecem traduzir as palavras de Alcides Munhoz, que, em 1907, apontava a capital paranaense como “uma cidade vasta e cosmopolita”, com “ruas já bem pavimentadas, avenidas de árvores cobertas de folhas, um serviço regular de tramways, luxuosos carros puxados por gigantescos e fogosos cavalos etc.”⁷ (Munhoz, 1907, p. 26 *apud* Brandão, 1994, p. 90).

Entre o final do século XIX e o início do século XX, o Brasil experimenta uma série de transformações políticas, sociais e culturais influenciadas pelos símbolos da modernidade que chegavam da Europa. E, assim como outras grandes cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, Curitiba também desejava se tornar um modelo de cidade burguesa da belle époque. Em função disso, nas primeiras décadas do século XX, a capital paranaense passou por intensas modificações, dentre as quais o recém-instituído serviço de arborização da cidade, além da “irrigação e limpeza públicas” (Santos, 1996, p. 124). A população crescia de forma considerável, as atividades comerciais e industriais estavam se desenvolvendo mais rapidamente, o número de construções aumentava: “para dar uma ideia da febre de construção que há em Curitiba, vale a pena consignar-se que trabalham ali atualmente mais de 30 olarias e duas fábricas de ladrilhos e mosaicos” (Santos, 1996, p. 117). Diversas novidades tecnológicas surgiam e estavam cada vez mais presentes no cotidiano curitibano. Tudo em função do desejo de modernização, urbanização e europeização. Com essa percepção, Nestor Vitor, ao comparar a “velha Curitiba” com a “nova Curitiba”, foi arrebatado por certo saudosismo: “sinto falta e tenho saudade do cheiro antigo de Curitiba, aquele cheiro a gramináceas secas [...] que davam a toda a cidade um ar ainda muito flagrantemente campesino” (Santos, 1996, p. 88).

Afinal, o cheiro da “nova Curitiba” remetia ao progresso. Ávida pelas mudanças, a burguesia curitibana procurava construir a imagem de uma cidade moderna, urbanizada.

7 Os trechos citados foram retirados de *Le Paraná pour l'Etranger*, publicado em Curitiba, no ano de 1907.

E esse anseio se aproximava das melhorias técnicas nos transportes e nas comunicações e da mecanização, que já se tornava uma realidade na capital paranaense. Nestor Vitor chama a atenção para os aspectos industriais de Curitiba: fábricas de mate, madeira, móveis, fósforos, pianos, cervejas e outros itens, as quais, montadas com “todos os aperfeiçoamentos modernos”, incrementavam a organização industrial da capital paranaense que “já é um bonito quadro [...] tanto mais por ventura comparado com o esboço grosseiro, tão defectivo, em que ele se debuxava apenas há vinte anos atrás” (Santos, 1996, p. 99).

O “MOROSO DESENVOLVIMENTO”

Nestor Vitor relata que Curitiba “foi situada na parte mais baixa de um grande chapadão” que a dividia em “duas zonas distintas”: uma seca e outra pantanosa, sendo esta última o lar de uma “enorme quantidade de sapos”, que habitavam lagoas e matagais, bem como o centro da cidade e até mesmo o interior das casas. Menciona a péssima iluminação pública, a existência de “perigosos valados” em tempos de chuva e “de muitos trechos da cidade, quase toda ela ainda por calçar”, acrescentando a existência de estábulos próximos que, além de vacas que andavam soltas, “dava a Curitiba ainda feição flagrante de aldeia” (Santos, 1996, p. 74).

Embora até 1873 a cidade tivesse um “desenvolvimento moroso”, após 1885, com a inauguração da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba e com a corrente imigratória de colonos europeus, a capital paranaense ganhou novas feições; deu-se então “a realização do projeto que já se entrevia há vinte anos”, conforme anunciado por Emiliano Perneta (Santos, 1996, p. 90-91).

Mas isso não significa que a capital paranaense não havia recebido imigrantes anteriormente. Segundo dados que Nestor Vitor obteve de Romário Martins, entre os anos “de 1825 e 1871”,⁸ Curitiba e seus arredores já possuíam cerca “de 1.450 imigrantes”, dentre eles “prussianos, austríacos, saxônicos, tiroleses, suíços, ingleses, portugueses, franceses, belgas, italianos, espanhóis, hamburgueses, romênicos, dinamarqueses, polacos, húngaros, norte-americanos, badenses, hanoverianos” (Santos, 1996, p. 153-154). Além desses, conforme Sérgio Nadalin (2001, p. 82), ocorreu também um movimento migratório de famílias de colonos que já viviam em outras regiões do estado e

⁸ Conforme Sérgio Nadalin (2001, p.: 66), os primeiros imigrantes europeus (alemães) chegaram à colônia de Rio Negro, no Município da Lapa, em 1829.

A “nova Curitiba” de Nestor Vitor

do país (muitos dos quais não tinham como dividir suas próprias terras entre seus filhos); com isso, mais pessoas passaram a viver em áreas próximas a Curitiba.

Imigrantes alemães e poloneses teriam se estabelecido como colonos nos arredores da cidade, contribuindo com o mercado local, uma vez que os alimentos que produziam eram comercializados em Curitiba mesmo. Na cidade das reminiscências de Nestor Vitor, levava-se “uma vida barata, farta e plácida”: “por 40\$ ou 50\$ morava-se em muito bom prédio para numerosa família. Carne verde excelente e de muito pouco custo; as aves, os ovos, as hortaliças, a manteiga fresca, o queijo, a farinha de milho compravam-se por preços ínfimos, na abundância reinante” (Santos, 1996, p. 76).

A nova Curitiba, porém, apresenta um custo de vida que havia subido consideravelmente, especialmente os aluguéis: “uma moradia mediana pela qual no seu tempo, meu amigo, se pagavam 40\$ ou 50\$ mensais, custa hoje 120\$ ou 150\$”.

Lá se foi o tempo da fartura e da barateza entre nós. Uma dúzia de ovos custa nesse momento, aqui, de 1\$400 a 1\$600, como no Rio. As verduras e hortaliças são hoje caras, relativamente, e pouco abundantes neste instante. Quase todos os gêneros de primeira necessidade subiram grandemente de preço. (Santos, 1996, p. 83-84)

O crescimento populacional rápido acabou provocando um desequilíbrio na economia cotidiana dos menos afortunados.

OS IMIGRANTES NA “TERRA DO FUTURO”

Nestor Vitor aponta ainda a influência dos imigrantes na arquitetura de muitas construções, afirmando que, em 1885, a cidade possuía características germânicas (Santos, 1996, p. 73). Reafirmava que Curitiba possuía uma feição europeia, fosse por causa das construções ou da fisionomia dos moradores e suas vestimentas. Porém, ao mesmo tempo que elogiava esses aspectos, criticou os imigrantes devido à falta de interesse para com os brasileiros, afirmando que eles, mesmo que já tivessem nascido no Brasil, evitavam se relacionar com alguém que fosse do país que os acolhera. Não deixou de desaprovar também os que, vivendo há mais tempo na cidade, falavam e entendiam o português com grande dificuldade, inclusive os mais jovens.

Quando retornou à cidade, no início do século XX, Nestor Vitor defrontou-se com uma “nova Curitiba” totalmente diferente daquela em que viveu em meados da década de 1880. Os prédios já não possuíam traços de uma arquitetura germânica, de um aspecto

“pesado”; agora, eram mais elegantes e leves, graças aos construtores italianos, em boa parte “arquitetos propriamente ditos” (Santos, 1996, p. 71, 82).

As mulheres que vendiam os produtos de suas chácaras na cidade já não tinham feições eslavas, mas sim italianas. Os italianos eram maioria dentre os imigrantes, ao invés dos poloneses e germânicos da “velha Curitiba”. Até mesmo a comunicação entre as pessoas já não era mais um problema, pois a grande maioria compreendia e falava o português (SANTOS, 1996: 85).

Ao visitar algumas escolas, Nestor Vitor pôde perceber, por intermédio das crianças, “as felizes condições de cruzamento em via de realização entre os diferentes povos cujos representantes são atraídos para aquele abençoado solo. É um lindo espetáculo sob tal aspecto principalmente o da loura multidão”. Junto a este comentário sobre a miscigenação, o intelectual parnanguara faz breve menção à “gente de cor”, destacando a pequena expressão de crianças e de jovens negros nas escolas da capital (Santos, 1996, p. 135).⁹

Ele também afirmava que os imigrantes já não apresentavam resistência em se casar com brasileiros ou com pessoas de diferentes etnias, algo que não ocorria na “velha Curitiba”. Esta percepção é ilustrada pelo caso de um sírio que se casou com uma polonesa, o que gerou um comentário de Nestor Vitor sobre a formação de uma “nova raça” em solo brasileiro (Santos, 1996, p. 159).

Os produtos que os colonos comercializavam também mudaram. Ao visitar São José dos Pinhais, observou que o plantio realizado por poloneses e italianos eram diferentes; os primeiros plantavam predominantemente centeio e outros alimentos, como milho, feijão e batata, utilizando alguns para consumo próprio. Os italianos, por sua vez, cultivavam uvas e demais frutas, além de diversos tipos de verduras para vender (Santos, 1996, p. 159).

AGORA CUIDA-SE ATIVAMENTE DA ARBORIZAÇÃO

Olhando para a nova cidade, Nestor Vitor considerava a “iluminação pública, que passou a ser à luz elétrica, mas que ainda assim deixa bastante a desejar”, um indicativo do quão evoluída estava a cidade, mas que também servia para apontar o que ainda

⁹ “O Paraná conta atualmente muito mais de 100.000 imigrantes e cerca de 600.000 almas, inclusive os mesmos. Pode-se, pois, dizer que não há terra no Brasil cuja população, não só esteja mais escoimada de mescla com o sangue africano, como ainda mais provenha de origem europeia. E, de quantas localidades ali têm assimilado o moderno colono branco, destacava-se Curitiba, como em tudo e por tudo era natural, senão verdadeiramente forçoso” (Santos, 1996, p. 153).

precisava ser melhorado (Santos, 1996, p. 93). Nesse aspecto, citava Domingos do Nascimento, para quem o Paraná continuava a carecer de iniciativas de desenvolvimento sustentável: a “South Brazilian, encarregada da iluminação elétrica de Curitiba, essa mesmo, até agora ainda queima carvão e lenha” (Santos, 1996, p. 98). Nascimento, a propósito, destacava a necessidade de utilização do potencial hídrico do estado para a geração de energia elétrica, considerada uma energia limpa.

O literato e crítico encontra na “nova Curitiba” uma mudança na relação da cidade com a natureza, isso porque “a cidade colonial que adentrou o século XIX [...] era caracterizada pela esterilidade [...], ela se definia em oposição ao rural de forma tão cabal, que os vereadores rejeitavam qualquer presença vegetal na cidade. Lugar de árvore era no campo” (Bahls, 1998, p. 93). Em contrapartida, no início do século XX, há um constante aumento na arborização e na construção de praças na capital paranaense, pois “cuida-se agoraativamente da arborização da cidade” (Santos, 1996, p. 124).

Essa mudança de mentalidade está quase que diretamente associada ao crescimento das indústrias locais, em especial a ervateira, e ao aumento da quantidade de servidores públicos, desde 1853, quando da emancipação política do Paraná. Os industriais e outros burgueses buscavam espaços para seus passeios, e as praças arborizadas marcam o aumento da presença de elementos naturais no cenário urbano.

Nesse contexto de disseminação de conhecimentos técnicos e de busca por melhores condições de vida, tem início uma onda conservacionista que difunde a ideia da terra pública como um patrimônio de todos, ao invés do conceito “coisa de ninguém”. O conservacionismo tinha como base a concepção da terra como domínio público e, consequentemente, a utilização dos recursos naturais, em especial os recursos hídricos, deveria seguir uma lógica racional e controlada. Assim, no início do século XX, muito embora a vegetação ficasse “restrita à função ‘ornamental’”, e desde que estivesse sob o controle da municipalidade nas praças e ruas”, o “maior foco de atenção voltava-se para o cotidiano, para o viver urbano, e neste aspecto ganhavam destaque as preocupações com a salubridade do ambiente” (Trindade et al., 1997, p. 28, 34).

Os avanços apontados por Nestor Vitor não se restringiam aos aspectos econômicos, demográficos e de infraestrutura, os reflexos também se deram no meio social. Além da importância da indústria ervateira — “o mate é a nossa folha de ouro, como é grão de ouro para os paulistas o café” —, outros produtos faziam parte das exportações do Paraná, principalmente a madeira e os fósforos (Santos, 1996, p. 100).

Como já indicamos, o crescimento da burguesia do mate, financeiramente abastada, fez surgir um desejo por melhores condições na qualidade de vida da cidade, que se traduziu em melhorias nos serviços de modo geral e na construção de espaços de convivência. Conforme Aparecida Bahls (1998, p. 92-93), “além dos serviços básicos, que eram insatisfatórios, ansiava-se por lugares de entretenimento. Era o início da sociedade flâneur que necessitava de praças, largos e boulevares para realizar seu footing”. Assim, diversas obras destinadas ao convívio social começam a ser realizadas em Curitiba, e observa-se a presença crescente de árvores, jardins, praças etc., passando a ter elevada estima aos olhos burgueses.

Não somente nas obras públicas, mas “uma das coisas que mais concorrem para dar hoje a Curitiba um aspecto de cidade já considerável, de um meio social já desenvolvido, são os múltiplos e muito frequentes cafés” (Santos, 1996, p. 121), revelando o aumento da vida social atrelado à prosperidade econômica privada.

Todas essas reestruturações faziam da Curitiba do início do século XX uma cidade que “introduzia novos hábitos de convivência entre seus habitantes”, pois “a relação das pessoas com os espaços públicos tomou aspectos mais íntimos e saudáveis” (Trindade et al., 1997, p. 35).

É PRECISO DIFUNDIR A INSTRUÇÃO

Em 1912, segundo Nestor Vitor (1996, p. 130-131), o estado do Paraná detinha os melhores índices nacionais na área da educação, com “quase a quinta parte da sua população em idade de aprender a ler” em escolas, enquanto “o Brasil apenas fornece escolas para pouco mais da oitava parte dessas crianças”. No caso específico de Curitiba, a situação era ainda melhor, pois “se estão educando 50% das que se acham na idade conveniente para isso. Não se pode dizer outro tanto nem da capital federal, a julgar pelos dados oficiais”. Ficava claro, então, o potencial de Curitiba que, mesmo concorrendo com cidades maiores e mais abastadas, como São Paulo e Rio de Janeiro, as sobrepujava no quesito educação.

Apesar da educação estar muito relacionada com uma questão de necessidade pública, observa-se que, na Curitiba daquela época, a educação estava intimamente ligada à iniciativa privada. Os números apresentados por Nestor Vitor (1996, p. 131) demonstram que mais da metade dos estudantes da capital paranaense eram de escolas particulares: “Em 1911 as escolas públicas da Capital contribuíram com a cifra de 2.076 alunos [...]”

estão excluídos desse número os alunos das escolas particulares, cuja matrícula foi de 2.944”. Essa informação, confrontada com a de que a oferta realizada pelo poder público era insuficiente — “o essencial é que ao menos escolas existam na medida que sejam solicitadas” (Santos, 1996, p. 133) —, reforça a ideia da interferência da iniciativa privada no setor, tanto com relação à parcela que requisita tal serviço, quanto da que fornece.

É, nesse contexto, que vai surgir a Universidade do Paraná, atual Universidade Federal do Paraná. Após retornar ao Rio de Janeiro, Nestor Vitor foi informado que a nova instituição de ensino começaria a funcionar em 1913, com “os cursos de direito, agrimensura, odontologia e agronomia” (Santos, 1996, p. 135). Percebe-se que os cursos presentes na fundação da Universidade eram exatamente aqueles voltados tanto para dar suporte ao desenvolvimento industrial, em especial o ervateiro, como agronomia e agrimensura, quanto ao setor público, caso do curso de direito.

A “nova Curitiba” de Nestor Vitor era uma cidade impulsionada pelos interesses particulares e isso se replicava na questão educacional: “o ensino oferecerá na próspera metrópole daquele simpático Estado do Sul uma complexidade correspondente à que já vai atingindo sua organização de outros pontos de vista” (Santos, 1996, p. 136).

UM OUTRO OLHAR SOBRE A CAPITAL: MELHORAMENTOS PARA QUEM?

Em contraposição à moderna e desenvolvida Curitiba de Nestor Vitor, Rafael Augustus Segá, ao elaborar um estudo sobre a trajetória de Cândido de Abreu como prefeito de Curitiba (1913-1916), permite perceber que a cidade, ou melhor, a sua burguesia, ainda ansiava por “melhoramentos”. Aliás, conforme Sêga (2001, p. 43), “A noção de ‘melhoramentos’ pode ser tão sutil, ardilosa e cínica que pode variar desde a iniciativa pura e simples de pavimentação e iluminação de uma rua, até o esforço hercúleo de se reestruturar o quadro urbano de uma cidade inteira”. Além disso, as posturas municipais estabelecidas pelos vereadores curitibanos “refletiam bem a dissociação existente entre as classes dirigentes e as classes subalternas da sociedade paranaense do início do século” (Sêga, 2001, p. 47).

Cândido de Abreu nada mais fez do que continuar com o projeto, agora remodelador, que seguia as necessidades da classe dominante representada nos ervateiros,¹⁰ que outrora já predominava no poder público e nas escolhas políticas da

10 “Como profissional de sua área, seus projetos arquitetônicos identificavam-no ideologicamente com a classe social a qual pertencia, a burguesia” (Sêga, 2001, p. 37).

época. Um de seus princípios era a limpeza das camadas populares do centro da cidade, tomando, inclusive, a violência como forma de “purificar” as áreas centrais da capital. Assim, estabelecia-se a ordem por parâmetros de controle. As mencionadas posturas municipais da época deixam evidente que esta conduta do poder público, de higienizar a cidade por meio da expulsão da classe mais pobre, já era comum desde o século XIX.¹¹

Em função disso, a modernização da cidade passou por um processo de “higienização”, no qual construir o progresso dependia da capacidade de moldar hábitos e comportamentos, além de normatizar os aspectos construtivos das edificações. Diversas leis e normas foram criadas para garantir a beleza da cidade e a sua limpeza. Consequência provável disso foi expressa por Emiliano Perneta: “Os pobres e os sapos vão indo cada vez para mais longe”, ao comentar sobre as velhas “casinhas encardidas, de telhas de tábua, cujo aspecto, às vezes, era miserando” (Santos, 1996, p. 91); elas já não poderiam mais fazer parte da paisagem urbana. O Artigo 13 das Posturas da Câmara Municipal de Curitiba, de 1895 estabelecia: “Toda a construção que, segundo o exame de engenheiro da Câmara, ameaçar ruína, será imediatamente demolida pelo proprietário” (*apud* Pereira, 2003, p. 105).

As Posturas Municipais também proibiam jogos “de qualquer espécie”, assim como espetáculos ou divertimentos públicos sem a devida licença. Os “ajuntamentos inconvenientes, danças, vozerias, e palavras obscenas” eram igualmente proibidos, especialmente na praça do Mercado Municipal, no qual não se admitia a presença de “ébrios e loucos” (Artigos 166, 167, 195 e 196, *apud* Pereira, 2003, p. 121, 125-126).

Entretanto, para Nestor Vitor (1996, p. 87), podia-se “medir a civilização de uma terra pela liberdade de movimentos que tenham nela as mulheres”. Esta afirmação surge ao constatar que homens e mulheres “estavam ganhando outro andar, outra atitude, muito mais cidadã que a de outrora”. Conforme Renata Cunha (2001, *apud* Kaminski, 2019, p. 19), durante a Primeira República, vigorava um ideal de civilização que articulava “o refinamento de hábitos e a docilização dos costumes”, indicando que a “cidade ideal é feminina”. Diversas charges publicadas nas décadas iniciais do século XX, em Curitiba, mostram a cidade alegorizada em uma “mulher jovem e atraente”, vestida conforme a moda e “desejável” ao olhar masculino (Kaminski, 2019, p. 20).

Com a população crescendo em demasia, a estrutura da cidade não foi suficiente e diversos problemas começaram, ou continuavam, a surgir. A economia – cuja principal

11 Consultar as Posturas da Câmara Municipal de Curitiba [1895], *apud* Pereira, 2003, p. 103-143.

atividade era a industrialização do mate – passava por dificuldades. Problemas higiênicos e sanitários causavam pestes e doenças, que acometiam tanto os pobres quanto a elite. E, obviamente, esses problemas não eram retratados – e relatados – com frequência, já que iam contra a ideia de progresso e modernização que Curitiba desejava transmitir. Parece que, passados mais de 10 anos, o cenário descrito em um editorial do Diário da Tarde ainda teimava em se manifestar, contrariando o discurso auspicioso de Nestor Vitor:

Falta-nos tudo: não temos água potável; não existem esgotos para detritos de nossa já não pequena população; muitas ruas de grande trânsito exigem calçamento; o nosso passeio público, único logradouro que possuímos, está quase que abandonado; as nossas praças e vias mostram-se sujas e descuidadas; a limpeza pública não satisfaz. (Diário da Tarde [1900], *apud* Boni, 1998, p. 33)

CONCLUSÃO

A “nova Curitiba” de Nestor Vitor, afinal, ainda carecia de melhoramentos. Ele mesmo reconhecia que a cidade enfrentava problemas, mas também enxergava nela sinais inequívocos de um almejado progresso, o qual seria alcançado por intermédio das ações de um prefeito que fosse “homem de costumes civilizados e seja ativo, empreendedor, que não se sente com cara de lástima da sua cadeira”; os homens públicos encarregados dos negócios da capital paranaense deveriam ser “dignos da terra por cujo destino lhes cabe zelar” (Santos, 1996, p. 94)¹². Apesar dos bons olhos que o literato direcionou à “nova Curitiba”, sempre havia novos melhoramentos para serem implantados, como deixa entrever a informação de que, somente em 1933, 21 anos após a visita de Nestor Vitor, “a Rua XV havia recebido cobertura asfáltica, em cerca de 20 metros quadrados” (Trindade et al., 1997, p. 38).

A cidade é vista e sentida de diferentes formas por seus habitantes. Plural, complexo, múltiplo e diverso, o espaço urbano é palco de diversos conflitos, sendo eles o resultado “da tensão entre uma concepção ideal de cidade e a própria dinâmica de ocupação e transformação do espaço” (Santos, 1998, p. 90).

¹² Em nota presente na primeira edição do livro, Nestor Vitor informava sobre a nomeação de Cândido de Abreu como Prefeito de Curitiba, reputando-o um “engenheiro prático e bem intencionado” (antos, 1913, p. 132).

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. *O verde na metrópole: a evolução nas praças e jardins em Curitiba (1885-1916)*. 1998. Dissertação (Mestrado em História). Curso de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 1998.

BRANDÃO, Ângela. *A fábrica de ilusão: o espetáculo nas máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913)*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba; Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella. A cidade, objeto de estudo e experiência vivenciada. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 9-26, 2004.

CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vitor: um intelectual e as ideias do seu tempo (1890-1930)*. 1997. Dissertação (Mestrado em História). Curso de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 1997.

KAMINSKI, Rosane. Madames e mademoiselles nas revistas curitibanas do início do século XX. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v.32, n. 2, p. 17-44, 2019.

NADALIN, Sérgio Odilon. *Paraná: ocupação do território, população e migrações*. Curitiba: SEED, 2001.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello (Org). *Posturas Municipais Paraná, 1829 a 1895*. Curitiba: Editora Aos Quatro Vents, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.

ROCHA POMBO, José Francisco da. *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. Ideário do progresso e cidades: uma Curitiba das primeiras décadas do século XX. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 75-95, 1998.

SANTOS, Nestor Vitor dos. *A terra do futuro (impressões do Paraná)*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1913.

SANTOS, Nestor Vitor dos. *A terra do futuro (impressões do Paraná)*. 2.ed. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

SÊGA, Rafael Augustus. *A Capital Belle Époque: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916)*. Curitiba: Aos Quatro Vents, 2001.

A “nova Curitiba” de Nestor Vitor

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; OLIVEIRA, Dennison de; SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. *Cidade, homem e natureza: uma história das políticas ambientais de Curitiba*. Curitiba: Unilivre, 1997.

Recebido em: 04/04/2023

Aprovado em: 23/05/2023